



24º SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA

13ª Mostra Científica de Integração
entre Pós-Graduação e Graduação
3ª Jornada de Tecnologia e Inovação

A MEDICALIZAÇÃO DA INFÂNCIA NAS ESCOLAS E AS CONSEQUÊNCIAS DA BUSCA POR UMA INFÂNCIA PERFEITA

Priscila Moura de Souza, Daniela Cristina Ratice de Quadros
Educação - Ensino-Aprendizagem

O presente trabalho investiga a medicalização da infância e seus impactos no comportamento e desempenho escolar de alunos em escolas públicas de Itajaí. O estudo adota uma abordagem qualitativa, exploratória e descritiva, utilizando entrevistas semiestruturadas com professores e equipe gestora. A revisão de literatura aponta a medicalização como um processo crescente, que transforma problemas sociais e educacionais em condições patológicas, com o Transtorno do Déficit de Atenção com Hiperatividade (TDAH) e o Transtorno Espectro Autista (TEA) sendo esses os exemplos mais notórios. O trabalho busca, com base nas perspectivas dos profissionais de educação, analisar os desafios e estratégias adotadas, valorizando a diversidade e o papel central da criança em seu processo de aprendizagem e comportamento, com o objetivo de contribuir para a formulação de políticas públicas eficazes.

A maneira como a sociedade compreende e valoriza a infância tem evoluído significativamente ao longo da história, passando de um período de anonimato a um estágio de reconhecimento da criança como um indivíduo único e ativo na construção do mundo social, como aponta Ariès (1981). No entanto, essa evolução trouxe desafios, como a crescente tendência de medicalização da infância. Este processo, onde comportamentos e dificuldades comuns do desenvolvimento infantil são enquadrados como problemas de saúde que demandam intervenção medicamentosa, foi definido por Conrad (2007) como a transformação de condições humanas em transtornos tratáveis. Este fenômeno, que se manifesta intensamente no ambiente escolar, traz cada vez mais preocupações com o impacto que tal prática tem sobre o comportamento e o desempenho acadêmico dos alunos.

A medicalização, um conceito que se expandiu por transformar problemas sociais e educacionais em condições patológicas, é duramente criticada por diversos autores como Collares e Moysés (2010) e Caponi (2014). Para elas, a medicalização da vida, e da educação em particular, reflete uma lógica que individualiza questões sistêmicas e sociais. O discurso da medicalização no ambiente escolar ao se estabelecer como uma verdade, através de relações de poder, visam gerir e normatizar a vida social (Foucault, 1999). Esta prática está, em muitos casos, alinhada aos interesses do sistema capitalista e das grandes corporações farmacêuticas.

O fenômeno da medicalização, portanto, atua como uma resposta simplificada a uma crise educacional e social mais profunda. Em vez de investir em formação continuada para professores, em melhorias curriculares que contemplem a diversidade de ritmos e estilos de aprendizagem, ou em apoio psicossocial integral à família e ao aluno, o sistema opta pelo rótulo (diagnóstico) e pelo tratamento químico (medicamento).

A patologização da infância e das dificuldades de aprendizagem – como o crescente número de diagnósticos de TDAH e dislexia que levam ao uso de Ritalina e outros psicofármacos – sugere uma incapacidade institucional em lidar com a singularidade. Ao invés de questionar as próprias práticas e estruturas, a escola transfere a responsabilidade pelo "não-aprendizado" ou pelo "desajuste" para o corpo biológico e psíquico da criança, silenciando as causas sociais e pedagógicas subjacentes a essas manifestações.

Nesse contexto, a presente pesquisa busca responder à seguinte questão central: Qual o impacto da medicalização da infância no comportamento e desempenho escolar sob a perspectiva de professores e da equipe gestora em escolas públicas municipais de Itajaí. A pesquisa vai além de simplesmente identificar o problema, buscando ativamente soluções e boas práticas que já existem nas escolas, com o objetivo de reduzir os impactos negativos da medicalização. O foco em iniciativas positivas é crucial para a formulação



24º SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA

13ª Mostra Científica de Integração
entre Pós-Graduação e Graduação
3ª Jornada de Tecnologia e Inovação

de políticas públicas eficazes e o desenvolvimento de intervenções práticas que beneficiem o ensino, a aprendizagem e o convívio escolar. O objetivo geral da pesquisa é analisar o impacto da medicalização da infância no comportamento e desempenho escolar, sob a perspectiva de professores e da equipe gestora, em escolas públicas municipais de Itajaí.

Para alcançar esse objetivo, a pesquisa possui os seguintes objetivos específicos: identificar as percepções dos professores sobre como a medicalização da infância se manifesta no comportamento dos alunos em sala de aula; investigar as visões da equipe gestora acerca dos desafios e estratégias relacionados à medicalização da infância e seu impacto no ambiente educacional; compreender as estratégias e práticas pedagógicas adotadas por professores e pela equipe gestora para lidar com as demandas geradas pela medicalização da infância.

O estudo adota uma abordagem de pesquisa qualitativa, de caráter exploratório e descritivo. A pesquisa qualitativa é adequada para analisar os fenômenos em seus contextos naturais, considerando os fatores sociais, culturais e institucionais que influenciam as práticas e percepções. O caráter descritivo é essencial para detalhar minuciosamente as perspectivas dos professores e gestores sobre as implicações da medicalização, elucidando como eles lidam com as situações e as estratégias que utilizam.

A revisão de literatura foi conduzida por meio de uma busca sistemática em bases de dados acadêmicas, especificamente no Catálogo de Teses e Dissertações da CAPES e na Biblioteca Digital de Teses e Dissertações (BDTD). As buscas foram realizadas de maio a junho de 2025, utilizando as combinações de palavras-chave "medicalização AND infância," "medicalização AND educação," e "perspectivas AND medicalização". Os critérios de inclusão foram artigos, dissertações e teses publicados sobre o tema a partir de 2020, que abordassem a medicalização de comportamentos ou dificuldades de aprendizagem na infância e suas conexões com o ambiente escolar, com foco nas perspectivas de professores e equipe gestora. Os critérios de exclusão foram aplicados em três etapas, incluindo a exclusão de trabalhos duplicados, resumos de congressos, artigos de opinião e textos que não estivessem disponíveis na íntegra ou que não tivessem conexões com os objetivos da pesquisa.

A pesquisa de campo será realizada em escolas da rede pública do município de Itajaí, Santa Catarina. O foco na rede pública é considerado essencial, pois a questão da medicalização pode se manifestar de forma mais acentuada devido às especificidades socioeconômicas e aos desafios de recursos. A seleção das escolas foi sugerida pela Secretaria de Educação do Município, devido ao número significativo de alunos com diagnósticos de transtornos de aprendizagem. Os participantes serão professores e membros da equipe gestora, selecionados por meio de critérios de relevância para o estudo, através de entrevistas semiestruturadas, que permitirão aos participantes expressar suas experiências e pontos de vista em suas próprias palavras. A pesquisa já obteve aprovação pelo Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da universidade.

A revisão de literatura revela que a medicalização da infância tem sido alvo de crescentes críticas no Brasil (Caponi, Lajonquière e Martinhago, 2021) argumentando que a excessiva categorização diagnóstica desconsidera os múltiplos fatores sociais, pedagógicos e familiares. O TDAH e o TEA são um exemplo notório, com o aumento exponencial de diagnósticos e o uso de psicofármacos. A medicalização, pode servir como uma "saída" para a escola diante da percepção de incapacidade de oferecer respostas pedagógicas adequadas. A literatura questiona a eficácia de longo prazo da medicalização, apontando que a rotulação e o tratamento medicamentoso podem levar à estigmatização do aluno, afetando sua autoestima e sua relação com o processo de aprendizagem.

A expectativa é que a pesquisa contribua para o debate sobre a medicalização da infância no ambiente escolar, destacando a necessidade de repensar as práticas pedagógicas e de gestão escolar. O trabalho busca valorizar a diversidade das infâncias e reconhecer o papel central da criança em seu próprio processo de aprendizagem. A relevância do estudo reside na sua capacidade de oferecer insights para aprimorar ações que promovam um ambiente escolar mais saudável e inclusivo, contribuindo para a formulação de políticas públicas eficazes.

Palavras-chave: Infância; medicalização; perspectivas dos professores



24º SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA

13ª Mostra Científica de Integração
entre Pós-Graduação e Graduação
3ª Jornada de Tecnologia e Inovação

Referências

- ARIÈS, P. **História social da criança e da família**. Rio de Janeiro: Editora LTC, 1981.
- BELTRAME, A.; GESSER, V.; SOUZA, V. L. S. **Medicalização da educação e das infâncias**: uma análise a partir das produções acadêmicas. *Psicologia em Estudo*, Maringá, v. 24, 2019.
- CAPONI, S. **A medicalização da vida**. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2014.
- CAPONI, S.; LAJONQUIÈRE, L.; MARTINHAGO, F. **Medicalização da infância: um olhar a partir da psicanálise**. *Revista de Educação Pública*, Cuiabá, v. 30, 2021.
- COLLARES, C. A. L.; MOYSÉS, M. A. **A medicalização da educação e do fracasso escolar**. *Cadernos Cedes*, Campinas, v. 30, n. 81, p. 235-253, 2010.
- CONRAD, P. **The medicalization of society**: on the transformation of human conditions into treatable disorders. Baltimore: The Johns Hopkins University Press, 2007.
- FOUCAULT, M. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Graal, 1999.
- FREIRE, B. M. R.; DANTAS, J. B. **Infâncias patologizadas**: um estudo epidemiológico sobre o fenômeno da medicalização infantil em Centros de Atenção Psicossocial de Fortaleza. *Revista de Psicologia da Universidade Federal do Ceará*, Fortaleza, v. 14, n. 2, 2022.
- MINAYO, M. C. de S. **O desafio do conhecimento**: pesquisa qualitativa em saúde. 10. ed. São Paulo: Hucitec, 2007.
- MOYSÉS, M. A. A.; COLLARES, C. A. L. **Dislexia e disfunção cerebral: o equívoco da medicalização na educação**. *Educação e Pesquisa*, São Paulo, v. 36, n. 1, p. 259-270, 2010.
- VERGARA, S. C. **Projetos e relatórios de pesquisa em administração**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2005.

Apoio: Fundação de Amparo à Pesquisa e Inovação do Estado de Santa Catarina (FAPESC); Universidade do Vale do Itajaí (Univali)